

## **Utilização do Trançado de Palha como estratégia para o desenvolvimento sustentável do setor moveleiro**

**Nubia Suely Silva Santos (UEPA/UFPA) nubiatrib@yahoo.com.br**  
**Savana Cecília Parga Carneiro (UEPA) savana@nautilus.com.br**  
**Harley dos Santos Martins (UFPE/UEPA) harleymartins@yahoo.com.br**

**Resumo:** *Encontrar alternativas para o desenvolvimento do Estado sem alterar sua biodiversidade, tem sido um desafio para a comunidade científica paraense. O trançado de palha, como elemento artesanal que agrega valor ao produto moveleiro, é um bom exemplo de como solucionar a tríade: socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente correto.*

Palavras-chave: artesanato, desenvolvimento sustentado, produto

### **1 - Introdução**

O setor moveleiro, no estado do Pará, se encaixa como uma das atividades mais produtivas, com grande influência no custo de vida doméstico e na geração de empregos no estado. Dentro deste contexto, o potencial competitivo dos produtos produzidos pela indústria moveleira paraense reside no fato de como agregar valor aos móveis e artefatos de madeira tropical – matéria prima utilizada em 95% dos empreendimentos do setor moveleiro paraense.

Nesta proposta se quer agregar valor aos móveis e artefatos de madeira produzidos pelo referido setor, utilizando o elemento artesanal trançado de palha, obtido a partir do trabalho feito com folhas secas de diversas espécies vegetais da região.

O elemento artesanal é capaz de fazer uma diferença estratégica dentro do mercado global e atrair para si uma demanda de consumidores ávidos por bens que tenham algum significado. Visto que os mesmos querem algo mais que simples produtos, querem que esses produtos simbolizem algo de valor e de importância para a humanidade como um todo.

O conceito de desenvolvimento sustentado também merece especial atenção, pois se está tratando do aproveitamento econômico da biodiversidade da floresta amazônica. Essa biodiversidade deve ser utilizada agora e também no futuro, em benefício das populações que dela sobrevivem, para o crescimento social, econômico e até cultural do povo paraense.

Mesmo sendo, a princípio, a utilização das fibras naturais classificadas como “sustentáveis”, na verdade ainda não existem muitos estudos ou pesquisas a respeito. A extração da matéria prima para o artesanato de fibras, como o Guarumã, Miriti e Tucumã, entre outros, é feita geralmente por caboclos ribeirinhos que não seguem nenhum critério a não ser o da necessidade de produzir, vender e obter daí o seu sustento.

Esse artigo tratará da utilização de fibras vegetais na produção de móveis como uma forma de inovar e agregar valor aos produtos já existentes.

## **2- Trançado de Palha como atividade artesanal**

O trançado de palha é utilizado em larga escala no artesanato popular paraense na forma de cestaria, chapéus, sacolas e outros artigos que facilmente são encontrados na feira do Ver-O-Peso, em Belém. Esses artigos são provenientes das comunidades ribeirinhas do interior do Estado, que baseiam suas atividades produtivas na extração e beneficiamento de partes de algumas espécies vegetais que constituem a rica biodiversidade da Região Amazônica.

Os objetos trançados de fibras vegetais, geralmente chamados de cestarias, sempre fizeram parte da cultura material das diversas tribos indígenas existentes no Brasil. Velthem [VELTHEM, 1998], analisando a etnografia dos trançados produzidos pelos Wayana-Apalai, uma tribo do Norte do Pará, diz o seguinte: “no contexto social, a cestaria, como outras categorias artesanais, constitui uma das formas de expressão da especialização artesanal, assim como da divisão sexual do trabalho, formas que são próprias da sociedade wayana.”

Utilizando de maneira sustentável os recursos da floresta, os indígenas dominam até hoje a tecnologia do trançado, produzindo cestos, peneiras, abanos e outros artefatos utilizados em suas atividades de caça, pesca, agricultura e rituais religiosos. Como testemunho material de um determinado modo de vida, esses artefatos transmitem inúmeras informações que, no caso das produções indígenas, são referentes à ecologia, à economia, ao sistema de trocas e parentesco.

Nas sociedades indígenas mais tradicionais, como é o caso dos wayana, a execução do artesanato em cestaria, é restrito aos homens adultos da tribo, os quais são também responsáveis pela iniciação das crianças, cabendo às mulheres a maior utilização das cestarias em suas atividades domésticas e de agricultura.

O trançado que hoje é praticado por algumas comunidades caboclas do interior do Estado é, então, herança da cultura indígena, transferida através da tradição oral, que passa este conhecimento de pai para filho, caracterizando essa atividade como de produção familiar. Nesse contexto, Franco [FRANCO, 1997], diz que “o artesanato paraense espelha o contexto cultural de seu povo, do homem da região amazônica \_ índio, caboclo, amazônida, e do seu meio ambiente: floresta, rio, animais, lendas, mitos...”.

Ao contrário da tradição indígena, nas comunidades ribeirinhas do Estado são as mulheres que dominam as técnicas do trançado de palha. Embora ainda produzida para uso doméstico e como artefatos para decoração, a cestaria cabocla não tem o significado místico que lhe é atribuído pela tradição indígena, porém, tem o potencial de geração de renda para as famílias que dela se ocupam.

### 3- Espécies Vegetais mais utilizadas

Entre as espécies vegetais que oferecem matéria-prima para o artesanato em cestaria, destaca-se neste trabalho o guarumã (*Ischinosiphon* Koern), o miriti (*Mauritia flexuosa* L.f.) e o tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart), por serem as mais utilizadas no artesanato paraense.

#### 3.1- Guarumã

Utilizado há muitos séculos pelas tribos indígenas, o guarumã é uma erva da família das marantáceas, gênero *Ischinosiphon* Koern, 1859 [VALENTE E ALMEIDA, 2001], é encontrado nas margens dos rios, em solo alagado (várzea). Do seu caule são retiradas as talas que são utilizadas na atividade artesanal.

Segundo Velthem [VELTHEM, 1998], que estudou as técnicas do trançado inserido no contexto de uma cultura indígena amazônica, o guarumã é a matéria-prima por excelência para a confecção de objetos trançados, pois se destaca por suas qualidades de durabilidade e resultado estético. A tala do guarumã possui, de fato, alta flexibilidade e uma cor tendendo para o dourado, quando devidamente beneficiada, conforme é visto na figura 01.

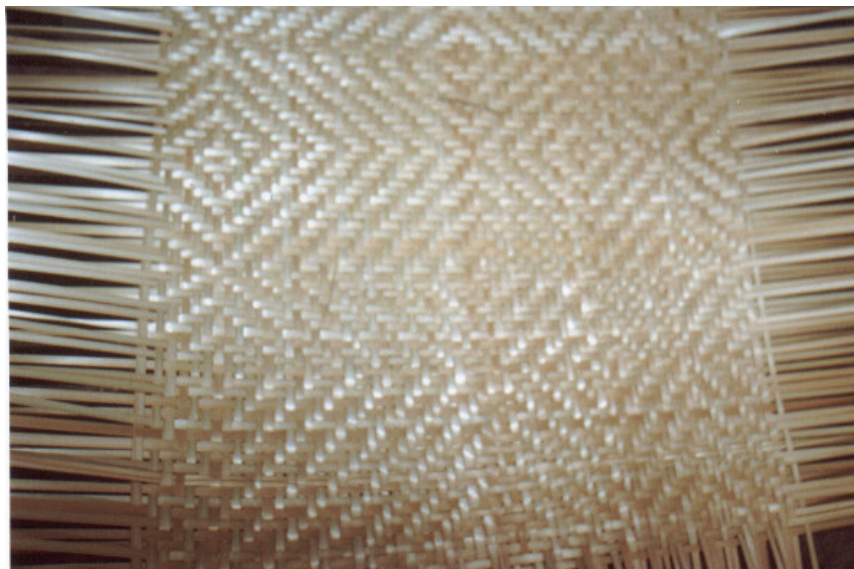


Figura 01 - painel trançado em tala de guarumã (Utinga-Açú, Barcarena, Pará)

É no município de Barcarena (PA) que está localizado o principal pólo de produção artesanal de cestaria em guarumã, segundo a Secretaria Especial de Trabalho e Promoção Social do Estado - SETEPS, precisamente na comunidade de Utinga-Açú, a 40 minutos de barco da sede do município (zona rural).

Localizada às margens do furo que lhe empresta o nome, esta comunidade tem em praticamente todas as famílias pelo menos um artesão de guarumã, uma vez que, de 56 famílias, 54 trabalham na atividade artesanal que é, em cerca de 80% feita pelas mulheres da comunidade, que herdaram as técnicas de suas mães, e agora repassam para suas filhas. Essa atividade é praticamente a única fonte de geração de renda para a comunidade, que recebe encomendas da capital, de produtos como cestinhos, peneiras, abanos e cestas em forma de

caixas, que são utilizados como embalagens para bombons de chocolate com frutas regionais que são produzidos em Belém.

Dentro da cadeia produtiva do artesanato em cestaria de guarumã, os homens são responsáveis pela coleta e beneficiamento da tala do guarumã.

### **3.2- Miriti**

O miriti é matéria-prima proveniente da palmeira do buritizeiro (*Mauritia flexuosa* L.f.). Dessa palmeira extraem-se de sua ráquis \_ porção central que separa os folíolos de uma folha, uma vara de aproximadamente 8 cm de diâmetro, de característica um tanto quanto esponjosa que é revestida externamente por uma camada mais resistente. A camada mais resistente – a tala do miriti, é utilizada no artesanato de cestaria, podendo ser produzidos os mesmos artefatos que o guarumã.

Depois de utilizada a tala na cestaria, fica a parte esponjosa que vulgarmente é chamada de “buxo”, e é utilizada na confecção dos tradicionais “brinquedos de miriti”(canoas, barquinhos, cobras, bonecos, etc.). Esse “buxo”, denominado de miriti, tem as seguintes características: é leve e fácil de ser trabalhado, não exigindo ferramentas especiais para seu corte.

Uma outra matéria-prima retirada do buritizeiro é o que se denomina de “envira”, é retirada da folha e, quando seca, se transforma em um tipo de cordão que serve para a amarração dos brinquedos e da cestaria.

O município de Abaetetuba é, segundo a SETEPS, o pólo de produção dos brinquedos de miriti. Na sede do município reúne-se a comunidade de artesãos, tradicionais e aprendizes, que mantém em suas casas uma oficina onde trabalham a matéria-prima e montam seus brinquedos. Alguns artesãos também já trabalham sob encomenda, na produção de caixas feitas em miriti e que se transformam em embalagens para bombons. A envira também é matéria-prima para o artesanato de tecelagem, quando recebe tintura e se transforma em produtos como jogos americanos, centros e toalhas de mesa, entre outros.

### **3.3 - Tucumã**

O município de Santarém, berço da cultura tapajônica, também é local de uma das iniciativas de mais sucesso quando se trata do artesanato em palha de tucumã. A palha de tucumã é proveniente do tucumanzeiro que é uma palmeira da espécie *Astrocaryum vulgare* Mart., utilizada na alimentação, criação de animais, caça, habitação e utensílios domésticos, além do artesanato, que utiliza a folha nova (guia).

A palmeira do tucumanzeiro é encontrada em quase toda a região do Estado e seu habitat é a floresta de terra firme em áreas de capoeira. O artesanato em palha de tucumã é tradicional no município e se insere na categoria artesanal da cestaria. Essa atividade, sofreu uma revitalização depois da implantação do Núcleo Mulher Cabocla do Projeto Saúde e Alegria, que coordena a experiência na comunidade de Urucureá, localizada às margens do Rio Arapiuns, a três horas de barco do município de Santarém.

A experiência, que no início agrupava 22 mulheres da comunidade, agora conta com 47 pessoas envolvidas não só na atividade artesanal específica do trançado (exclusiva das mulheres), como também nas atividades de coleta e beneficiamento da palha do tucumã, que envolve maridos e filhos, caracterizando a atividade como de produção familiar.

A atividade também se caracteriza como sendo sustentável, pois é feito o manejo comunitário da coleta da palha, onde a folha nova do tucumanzeiro (guia), que é a matéria prima para a confecção do artesanato, possui alto poder de regeneração, pois rebrota trinta dias após a coleta.

Depois da revitalização das técnicas do trançado através da inserção do design, houve uma diversificação na produção, que de apenas 5 tipos de produtos passou a produzir mais de 22 variedades de cestas e outros tipos de artefatos. Como não poderia deixar de ser, paralelamente à inserção do design, há também a preocupação com a qualidade do produto, que hoje é comercializado para os grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo.

#### **4 - Desenvolvimento Sustentado da Atividade Artesanal e o Ciclo de Vida do Produto**

O desenvolvimento sustentado pode ser entendido como o esforço para que haja desenvolvimento econômico sem a degradação do meio ambiente e de seus recursos naturais. É uma meta que vem sendo perseguida desde a 2ª. Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (ECO-92), pela sociedade científica brasileira, que tenta achar a solução para uma equação de três variáveis de igual importância: desenvolvimento econômico, pobreza e meio-ambiente.

O esforço para a solução dos problemas ambientais, passa, no entanto, através de políticas capazes de adequar a utilização dos recursos naturais com o desenvolvimento econômico que necessita o Brasil, e, mais especificamente o Estado do Pará.

Oliveira [OLIVEIRA, 1998], que estuda novas oportunidades para o desenvolvimento regional que não a exploração madeireira, afirma que uma das alternativas para o desenvolvimento sustentado do Pará, é a "identificação e o aproveitamento dos produtos nobres da floresta, que vão além da madeira, e que possam receber no próprio local, agregação de tecnologia e obter um valor de comercialização razoável para manter a comunidade com um nível de renda adequado".

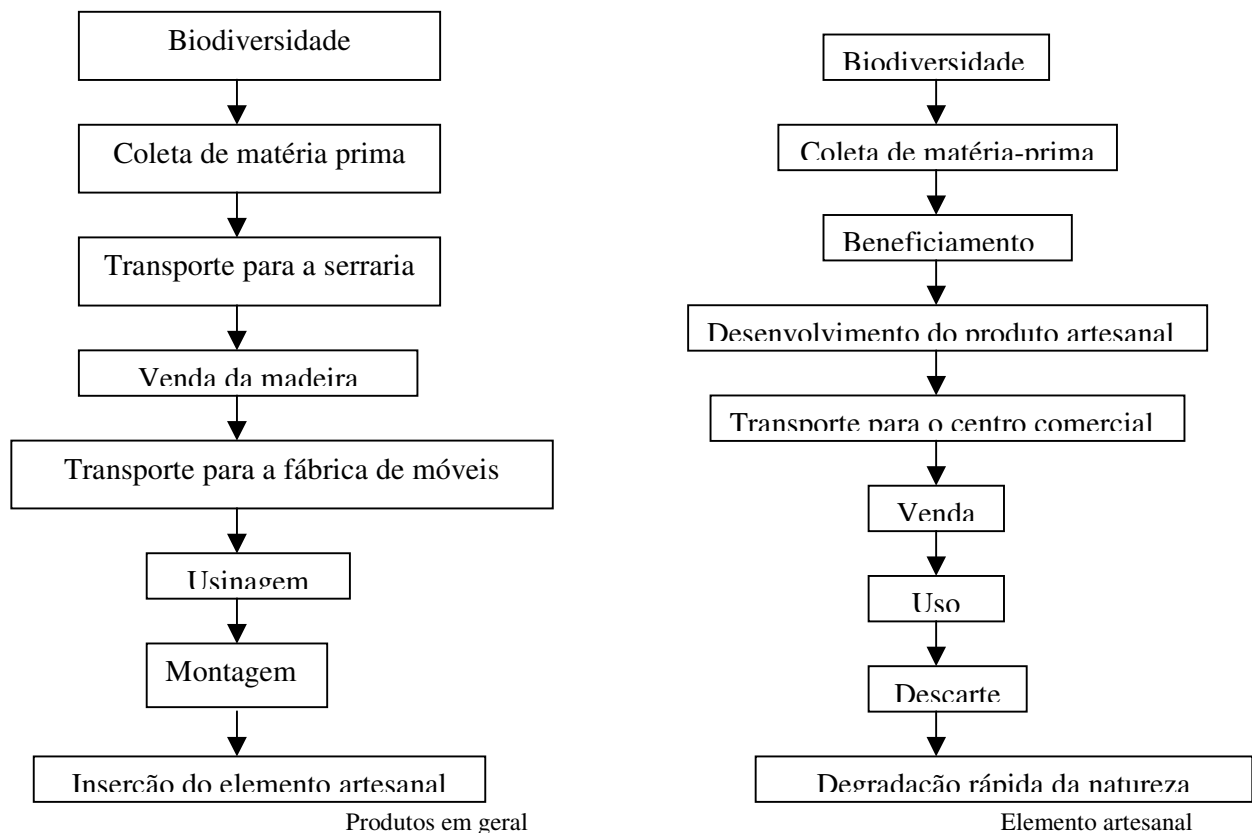
Classifica-se então, o guarumã, o miriti e o tucumã, como sendo alguns desses "produtos nobres", dos quais se extraem a matéria-prima para a atividade artesanal das comunidades ribeirinhas do Estado. Pode-se dizer também, que essa atividade artesanal, é uma atividade que agrega valor a esses recursos "nobres", e confere às comunidades uma oportunidade de geração de renda com conseqüente melhoria da qualidade de vida.

Dentro desse contexto, a preocupação com o meio ambiente adquire uma noção mais ampla, deixando de significar apenas a preservação e/ou conservação da biodiversidade e a busca por produtos e processos menos poluentes, para uma abordagem holística do sistema homem & meio ambiente, que leva em consideração além dos fatores ambientais, aqueles de caráter social e econômico. O meio ambiente não é mais apenas o meio físico que envolve o homem, mas o próprio homem passa a ser agora parte integrante e fundamental dentro da perspectiva ecológica.

É fácil compreender essa nova abordagem, de acordo com Oliveira [OLIVEIRA, 1998], que afirma que “a melhor forma de preservar a floresta é dar ao homem alternativas para que ele possa viver dignamente sem devasta-la”.

Com isso torna-se importante observar o Ciclo de Vida dos Produtos que possibilitam tais alternativas, como o do elemento artesanal e dos produtos que ele irá compor, pois segundo **Baxter (1998)** a análise do ciclo de vida pode ser considerada uma técnica analítica abrangente para explorar oportunidades de refinar e aperfeiçoar o projeto de produtos.

Logo abaixo, encontra-se o ciclo de vida de produtos e madeiras em geral e o do elemento artesanal.



Para cada empresa e/ou cada produtor caberá fazer uma análise adequada a sua realidade para ter o máximo retorno do produto assim como preocupação ambiental que o mesmo possa gerar.

## 5 - O Produto como Estratégia

De acordo com **Löbach (2001)** “em cada projeto deve-se questionar em primeiro lugar a importância que ele terá para a sociedade, se o resultado do processo de planejamento e configuração é sensato, se há aspectos negativos a considerar. Não deverão ser considerados somente as vantagens econômicas e sim os possíveis efeitos sobre a comunidade.” Assim sendo, o uso de fibras naturais na produção de móveis tem potencialidades para a geração de renda da comunidade que as produz como também para as empresas que a comercializam, por meio do diferencial dos seus produtos.

**Baxter (2000)** afirma que é difícil introduzir novos produtos, principalmente aqueles com um maior grau de inovação, pois os consumidores só mudam o hábito se tiverem uma boa razão para isso, porém um produto com uma nova e clara diferenciação em relação aos existentes e com um evidente acréscimo de valor para o consumidor pode se tornar uma razão para que essa mudança ocorra. Produtos orientados ao gosto do consumidor têm cinco vezes mais chances de sucesso.

Os produtos não tem apenas funções práticas, mas também funções simbólicas, que adquirem uma importância cada vez maior na medida da necessidade que se faz deles. O significado de um objeto representa um conjunto de todos os contextos onde esse pode ter lugar. É na atenção a esses detalhes que torna-se o produto desejável ao consumidor e muitas vezes o fator custo é até relevado em função do ineditismo e da utilidade, conforme disse **Santos et al (2000)**.

Uma outra abordagem que o produto (móveis e artefatos) pode ter dentro do contexto nesse sentido, seria o regionalismo, entendido como toda riqueza cultural do Estado: Artesanato, Lendas, mitos, costumes locais e etc. Tudo isso se encontra no trançado de palha, tratado de uma maneira inovadora combinado aos diversos produtos do setor moveleiro.

## **6 - Perspectivas para a Utilização do Trançado de Palha na Indústria de Móveis e Artefatos de Madeira: um eco-design**

A importância do setor moveleiro e de artefatos de madeira é inegável para a economia paraense, uma vez que se constitui na ponta da cadeia produtiva da madeira, matéria-prima que é, muitas vezes, transformada em produtos com baixo valor agregado, como tábuas serradas, compensado e aglomerado.

Em 1996, no conjunto “madeira serrada/compensada/laminada”, o setor madeireiro do Estado exportou 700.418 ton., representando 925.887 m<sup>3</sup>, no valor (FOB) de aproximadamente 293 milhões de dólares.

Atualmente, a nova política estratégica do governo consiste em implementar programas articulados de forma a priorizar o aproveitamento das potencialidades existentes, valorizando os segmentos produtivos próprios da região. Essa política denomina-se “verticalização da produção”, e tem o objetivo de gerar renda e emprego, e o conseqüente desenvolvimento econômico do Estado, sem a degradação do meio-ambiente.

Pode-se dizer que, verticalização da produção madeireira seria transformar a madeira em um produto final \_ móveis, artefatos, etc. Dentro dessa perspectiva, também pode-se afirmar que a verticalização dos produtos não-lenhosos, como o guarumã, o tucumã e o miriti, seria transformá-los em produtos com maior valor agregado que o simples objeto artesanal.

Nos exemplos mostrados neste trabalho, sobre a atividade artesanal praticada com três tipos de matérias-primas não-lenhosas da floresta, pode-se observar características de sustentabilidade, visto o baixo impacto que causam ao meio ambiente:

- ♣ A coleta de matérias-primas pode ser feita através do manejo das áreas de ocorrência das espécies em questão;
- ♣ A atividade artesanal utiliza mão-de-obra do próprio local, favorecendo as comunidades que dela se ocupam, se classificando como socialmente justa;
- ♣ A viabilidade econômica de tal atividade é verificada pela fonte potencial de geração de renda.

Todas essas características fazem do produto artesanal, um produto “ecologicamente correto”, que pode ser combinado com os móveis e artefatos produzidos pela indústria moveleira paraense. Para isso dispomos de uma poderosa ferramenta: o design, capaz de promover a diferenciação do produto no mercado. A respeito disso, Teixeira [TEIXEIRA, 1999] comenta que: “às indústrias que desejarem exportar e manter-se competitivas no mercado internacional passarão a se preocupar com as questões da qualidade e da preservação do meio ambiente como fatores fundamentais para que as exportações aconteçam”.

O design, como processo projetual, se insere no contexto da produção industrial não só na fase de concepção do produto (planejamento e projeto), como também em toda sua cadeia produtiva(coleta de matéria-prima, produção e venda).

O design utilizando o trançado de palha combinado a móveis e artefatos de madeira, agregará valor a estes produtos. Por agregar valor, nesse caso, entende-se identificar os novos significados que o produto pode ter dentro do contexto da região Amazônica. Nesse sentido, o novo significado que se poderia agregar a esses produtos, seriam os valores de uma consciência ecológica e justa para os povos da floresta.

## **7 - Conclusão**

A tentativa do setor moveleiro paraense de se agregar valor aos seus produtos, utilizando matérias-primas não-lenhosas, como é o caso das utilizadas no artesanato paraense, demonstra o grande potencial de desenvolvimento que tem o setor.

A inserção do elemento artesanal nos produtos da indústria moveleira, funciona como fator agregador de valor, basicamente através de duas maneiras:

- ♣ Inovação na forma, caracterizada pelo resultado estético do trabalho artesanal;
- ♣ Inovação no conteúdo, caracterizada pelo significado sócio-ambiental que possui a atividade artesanal das comunidades ribeirinhas do Estado.

Para se conseguir tal objetivo coloca-se o desenvolvimento de produtos como um conjunto de conhecimentos necessários para gerar novas alternativas que não prejudiquem o meio-ambiente e atendam as expectativas do mercado.

Incorporando valores econômicos, estéticos e ambientais, o trançado de palha é, sem dúvida, uma das alternativas que a indústria moveleira tem para se desenvolver e tornar-se competitiva.



### **Bibliografia**

DIAGNÓSTICO DO SETOR MOVELEIRO DO ESTADO DO PARÁ, **SECRETARIA EXECUTIVA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E MEIO AMBIENTE**, Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas -PPTA – Belém, 2002. 99 p.

FRANCO, H. B., Artesanato Paraense: tradução e expressão de uma cultura, Belém, **Nosso Pará**, n.4, p.64-79, set.1997.

OLIVEIRA, N. P., A Vez da Amazônia, Belém, **Poematropic**, n.2, p.4-8, jul./dez. 1998.

SOARES, F., Quando o Eco-design é mais que Verde, Rio de Janeiro, **Estudos em Design**, v.7, n.3, p.77-93, dez. 1999.

TEIXEIRA, R., Gestão Urbana e Desenvolvimento Sustentável, Belém, **Universidade Federal do Pará**, Núcleo de Altos estudos Amazônicos, jan.1998. 16p.(mimeogr.)

VALENTE, R., ALMEIDA, S. **As Palmeiras de Caxiuanã**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. 54 p.

VELTHEM, L. H. **A Pele de Tuluperê**: uma etnografia dos trançados wayana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998. 251 p. (Coleção Eduardo Galvão)